

MARIA RITA



Direcção de: Heitor Campos Monteiro (José de Artimanha)

Na Exposição Colonial



"Maria Rita" farta de ouvir elogiar a Rosinha, apresenta ao ilustre organisador da Exposição as suas impecáveis formas



PARQUE



A melhor maneira de hoje em dia se conseguir alguma coisa das sepeirinhas do Porto, por exemplo: que lhe tragam num prato um frango em bom estado ou que lhe mostrem a terrina às escondidas, é prometer mostrar-lhe os pretos logo á noite.

|||||

Na Cascade do Luna Parque, tem-se dado sceuas admiraveis. Ainda hontem uma senhora amiga de aves, que foi para lá de papagaio, ficou toda arreliada porque o bicho stá mudou de cor.

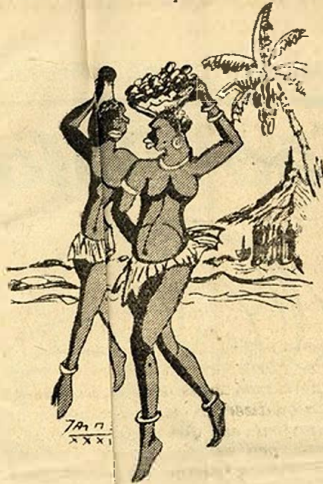
|||||

O Gunha da Raza, todos os dias faz um sonoto á Rosinha. Quer dizer: dentro em breve vamos vêr um par de versos á mostra.

|||||

Noatro do recinto da Exposição ha dois comboios: o comboio fantasma e o comboio cágado. Um, é no Luna Parque, e aí daquelle que se dá a estirgona e caia na asneira de embarcar. O outro é cá fora e parece que anda aborrecido e com dores nos calos.

O msso camarada Hugo Rocha, depois que deu aquela pas-senta á Africa, bota pio todos os dias sobre as maravilhas das Colonias. Er-se-hia que trouxe cor-



Ele: — Tu te o meu amôr e aquella geira para tralares.

Ela: — Seu não liveness ido á Exposição ceitava de brucos abertos. Agora, se me deres um uolomovel e umcasaco de peles.

da para toda a vida. Agora então que o Bento Dr. Carqueja resolveu pôr ovos todos os dias no Palacio das Colonias, o Hugo não tem mãos a medir. Consta até que quando vier o calor vai fazer pendant com o Augustito.

|||||

Naquelle bar que usa as mesas como se fossem pipas, e as servidoras como lagartas em mau estado, ha um serviço de sanduiches que é um regalo. Chega a gente a ter pena de não ter ido lá dois dias antes para comer-las frescas (ás sanduiches, claro). Dizem porem, que as mesmas já não eram frescas no primeiro dia. Quanto ás hólas de carne nem se fala; são de idade tão irreconhecivel como duas da bar noomen.

|||||

A caravela da União Fabril é completa e perfeita-sima. Tanto é tão, que até a foram colocar no melhor local do Palacio para apañhar o vento em cheio.

|||||

Disseram-nos que outro dia foi á Cascade uma conhecidissima

escritora da nossa praça. E a coisa tomou foros tal de aquodociamento, que depois da queda no tapete, cá fora não se falava noutra coisa.

Tambem consta que o Doutor das Pulgas, foi lá buscar a materia prima para as suas demonstrações.

|||||

No Luna Parque tem ido no bote muita pessoa fina. Ainda outro dia ouvimos dizer á saída, a uma pescadinha cá do burgo: «O Jorge: vês como eu levo a saia? Eu bem não queria ir no bote, mas tu és sempre o mesmo...»

|||||

Diz-se á boca cheia que um conhecido farinheiro cá do Norte que se dá ao luxo de contratar tudo o que lhe apetece, está na disposição de contratar a arrojada Betty de Holliwood, a eximta motociclista do Poço da Morte, para experimentar se ella é capaz de sub r por êle acima com a mesma impavidez com que sobe pelas paredes do Poço.

MELHORAMENTOS DA CIDADE

Ora aqui está outra coisa que em este mez se deu uma grande volta: a cidade.

Bem sabemos que o calçada da Boavista continua sem pavio e sempre no mesmo estado:

— que a Rua do Ameal continua com as valetas mais porcas do que sargetas e que o seu calcetamento lembra um cemiterio com movimento tão cheia de covas está

— que a estrada da Circunvalação está quasi virada do avesso, tantas são as saliencias (covas ao contrario) que a povoam;

— que o Edificio dos Fenianos continua sem pele e só com osso, e que o escarro da Cancellia Velha continua a mostrar a falta de dentes e as trincheiras

que os franceis lá cavaram.

— que a Rua dos Telephones, a das Aguas, a da Electricidade e a Carris continuam á pófia a ver qual delas é capaz de abrirem mais covas em mais pequeno espaço;

— que a Rua dos Martires da Sovella, continua a ter dois sentidos de viação, sendo necessario que os conductores de automoveis teniam pelo menos sete para não atropelarem ninguem;

— que o Teatro Aguia Douro continua fechado;

— que aquea casa do Bragada Agencia e da ourivesaria Silveira continua a pedir um terramoto.

— que ha muitas outras coisas mais que não dizemo: agora...

Mas ao mesmo tempo alguma coisa

se fez de importantissimo; A saber:

— Aquella rua que vai dar ao Palacio das Colonias e que parece ter um nó nas tripas.

— A promessa da continuação da Rua Passos Manuel...

— Idem da Rua Antonio Rodrigues Sampaio.

— aspas da Rua Elisio de Melo

— idem, idem da Rua Eça de Queiroz E vão quatro, mas...

— já ha mais uma fiada de pedras no Edificio da Camara;

— as traziras dos predios da Rua do Almada já tem um muro de 2 metros de altura a esconder-lhe os quimais que era afinal a unica coisa que se podia ver.

— já se fala na construção de um edificio Municipal.

— já está aprovada a planta para uma piscina no Castelo do Queijo;

— A Igreja Velha de Cedofeita já está rova.

— A Maternidade depois que abriu a Exposição tem um grande movimento de forasteiros.

E que finalmente:

A Maria Rita continua a ter muito má boca, donde lhe vem o concuniteate defeito de ter tambem má lingua.

E' verdade:

Tambem lhe asseveram que foi fechada a cervejaria que fica entre o Comercio do Porto e a Caixa Geral dos Depositos. Dizem-lhe que estava em construção um grande tunel que passava por lá e por isso a aterraram. Será certo?

Porto, 4 de agosto de 1934

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» Lda
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua do Almada, 107-2.
Telefone, 1319 — PORTO
COMPOSTO E IMPRESSO NA:
Tipografia Aliança
Rua Santo Ildefonso, 396
STA MONTEIRO

Maria Rita

Direcção literária de:
Heltor Campos Monteiro (José de Artimanha)

Condições de assinatura:	
Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	



Pano de Fundo

«Maria Rita», ao aparecer de novo a público, ajuda que por momento», não poderá deixar de elevar ao seu maior colaborador, ao grande mestre que foi CAMPOS MONTEIRO, aquele que sempre a acarinhou como a nma neta querida, um voto de saüidade.

Sentido como em nenhum outro, será neste jornal de riso esse voto tao sincero e triste, que o poderemos ainda hoje juntar a todos aquêles que no dia da ana morte nas tronxeram a certeza da sua irreparável e sentidíssima perda.

Que todos nos perdoem este saüdoso introlto, e que a memória do Mestre non perdêe também a saüidade que por êle «cutimos, de cada vez maior e mais cruceante.

Dr. Campos Monteiro

Já que a «Maria Rita» veio a lume precisamente no momento em que a primeira homenagem á saudosa memória deste illustíssimo componente do nosso primitivo quadro redactorial, sentimo-nos na obrigação de agradecer.

Assim vimos fazê-lo, em primeiro lugar, aos representantes da Junta de Freguezia de S. Mamede de Infesta, que tomaram a iniciativa dessa justíssima homenagem.

Depois as autoridades superiores do concelho de Matosinhos que a consentiram e animaram, prestando-lhes o seu valiosissimo concurso individual.

A todas as pessoas que a ela assistiram comovida e sinceramente, destacando aquêles que em palavras cheias de saudade nos falaram do querido morto.

E á imprensa do Porto e Lisboa, destacando sobre todas a desenvoldida reportagem que o Comercio do Porto registou e consentiu. «Maria Rita» que algumas vezes se tem peentenciado, mais uma vez sente a necessidade de o fazer perante a forma alrosa como esse dlarlo portuense se conluziu.

A todos pois o nosso inofidêrel agradecimento e a oferta de uns fraquissimos prestíngos que a memoria sempre vivida de Campos Monteiro poderá tomar valiosos.

Ao erguer do pano

Se a Maria Rita não fosse tão tripeira, tanto do Anjo, do Bolhão e da Ribeira, com certeza a estas horas e com este calor, estaria ainda a dormir a regalada festa de um ano que lhe impuzeram os desvelados pais como um merecidissimo socego. Morta, Não! Mas n'um letargo estipulado de maneira que lhe desse ao despertar a sensação de ter nascido de novo.

Infelizmente a vida, hoje em dia, nem a dormir nos deixa socegados. Ao seu torpor chegou o rumorejo estranho da cidade. O Porto, aquela cidade que sempre soube vibrar, vibrava agora de uma maneira bem diversa, moderna, abracadubramte.

Havia alguma cousa de novo na cidade, que ao sono da Maria Rita chegava indistintamente, mas suave e doce, mas embaldoramente. E a Maria Rita que dormitava apenas, deixava-se embalar por esse dulcissimo sonhar que ia transformando a sua terra, n'uma terra nova, vivente, capaz de dar como sempre e uma vez ainda, a nota tripeirinha de ser o que foi sempre: portuguesa apenas e como poucas.

Era-lhe grato o sonho... Mas de repente sentiu picadas como se um bando de mosquitos a harpoasse desalinadamente. Abriu os olhos a custo e viu que realmente do tecto, de cima, uma avalanche de parasitas demandavam as suas avantajadas carnes, ciosos do seu dormir atoso, sedentos do seu sangue nobre, e invejosos do seu sorriso bem ganho.

Mosquitos que se transformaram em morcegos dentro em pouco cegos de raiva, para depois aparecerem vestidos de peneireiros, verdadeiras aves de rapinu que só o extermínio pretendiam.

Maria Rita acordou; abriu os olhos e sem querer perguntou aos seus atilhos, e não haveria alguém no Porto capaz de levantar a esbentada lva que a escumalha da imprensa lisboeta lhe estava atirando á cara.

E aprou um dia e outro e outro ainda, e nada. Ninguém se mexia, nem um só dos nossos jornalistas erguera ainda, que com nojo, a conspurcada lva. Todos moitaram carrasco, como se fosse crime berrar de cá que aquilo que os de lá estavam fazendo era in-

correto, era desonesto, era infame.

E ás afirmações dessa imprensa que chegou a classifica as mulheres do Porto de menos honestas e libidinosas, e o honradissimo Povo do Porto como bruto e incivil, quasi com todas as letras, ninguém ousou dizer, ao menos, que isso era mentira ou que, o que de mais uso, pedisse desculpa te ler de considerar menos verdadeiras as afirmações.

Ninguém. A coisa continuou e ainda hoje não falta preletos para depreciar a ota cá do Norte, a formidável fora que produziu a Exposição Colonial do Porto.

Mas a Maria Rita, sfregou os olhos e interrompeu o sono... E ela aqui está, de passagem, apenas para gritar que as malquerenças do Sul, de Eboa quasi só, não valem nada não produzem nada, não dá resultado nenhum. O Porto venceu.

A Exposição é alguma coisa de tão grande que a sú rebrihção cegou as rãs lá debaixo. Não querem ver aquilo que já vem os que não são portuguezes mas são sinceros. E de que senem latidos, nem coaxadas, nem uros, quando as coisas valem por si mesmas?

Aquilo que está no palacio das Colonias, é alguma coisa de tão grande, que já ouvimo alguns lisboetas declararem vencidos, que iam desanimados para a terra por não poderem dizer-nos de qualquer coisa.

Galvãozinho: lava lá dois tentos, e fra certo que se a Maria Rita não estivesse há tanto tempo a dormir, já de há muito teria feito de ti um tripeiro honrado: bem tripeiro.

* *

E aí tem V. Ex.^{ta} a razão porque a Maria Rita sai hoje e simplesmente para lavar o seu proleslo contra a forma estúpida como está sendo tratada por alguns a iniciativa da cidade, e expressar o seu desgosto pelo multismo da nossa imprensa a este proposito.

Mas a Maria Rita não tem papas na lingua.

E se algum quizer pedir-lhe contas cá e encontrará em outubro, sorridente e gorda como sempre.

Pôrto-Lisboa

A Propósito...

Anda a Lisboa arreliada. E de nariz muito torto. Desgostosa, apaleiada. Por ver cá o nosso Pôrto. Com a camisa lavada.

Bate no chão a chinela. Cheia de inveja e rancor. Os cabelos arrepeia. — Nem no Pôrto quiz exp... Quando o Pôrto se expoz nela.

P. Alfice; assim não val', Recusque o parco egoismo. A' tripa não queira mal. E' tolo tanto baírrismo. A quem é da capital.

Então? Queira socagar. Com ataques nada arranja. E para os nervos comar. Tome água flor de laranja. Venha o Pôrto visitar.

Vinde cá. E vós vereis. Nosso certame liré. Que é lindo, como subeja. Nós lá iremos ó Colonial de trinta e seis.

Ferreira



— Não achas uma maluqueira saírnos de sobreledo com um tempo destes?

— Esqueces-te de que os nossos não eram nossos e que fomos os seus na rua?!

O Preto da Rua Escura

A história que vou contar-vos não é invenção da minha fantasia. Não. Não é meu costume inventar coisas verdadeiras.

Também não fui eu quem inventou a pólvora sem fumo.

Em matéria de inventos apenas tenho sido exímio no ramo genealógico, mas nem disto, infelizmente, eu posso tirar patente. Como já disse, pois, isto que vou contar-vos é um facto; por consequência pode não ter graça nenhuma que nisso não me cabe a menor parcela de responsabilidade, nem a minha reputação baixa de posto.

E dito que fica dito, vamos entrar na matéria prima do assunto.

Era uma vez um preto. Eu conheci-o. Era negro e luzidio, como o são todos os pretos da raça negra.

A sua mãe era lisa como uma flauta e negra como duas barricas de fiche. Tinha na cabeça, à guisa de cabelo, uma carapinha que ele no verão transformava em carapinhada para matar a sede. Chamava-se Alvoé e morava na rua Escura.

Desde pequenino que exercia a profissão de carvoeiro, se é que ser carvoeiro é ter profissão. É preciso acreditar que não vendia vinho, como geralmente se presume com todos os carvoeiros que se presam. Não; Alvoé só vendia coisas pretas, tais como café, chocolate, carne, carne de vaca, charutos, caixas de pólvora, a preta para sapatos de senhora de ta-ão alto, etc., etc. Coisas de cor láta vendia. Nas horas vagas tocava clarinete, por ser um instrumento da sua cor e ele poder tocá-lo de cor.

Nunca ninguém soube dizer de onde veio Alvoé, que apareceu na rua Escura como ligado por um alcapão de magia. De resto isso não importa à sua vida e à sua sorte. Alvoé também não dava ao a perguntas indiscretas. O seu aspecto era bisonho, triste, macambúzio, tanto ao pezar um quilo de carvão como ao vender uma caixa de graxa.

Um dia, eu, que era freguês assíduo da carvoaria — onde ia todos os dias comprar um maço de cigarros «Negritas» — resolvi, por boas maneiras profundar um pouco a vida do escarumba. E vim a saber alguma coisa: Alvoé tinha um grande desgosto na sua vida; ser preto. Não que ele renegasse a sua raça; mas porque queria contrair os tais chamados *sagrados laços do matrimónio*, e até àquela data, tanto de tal, não lhe havia ainda parecido uma mulher que se sujeitasse ao sacrifício de o desposar. Todas, a que ele queria falar em casamento, lhe tinham com o *exceito*.

Trocavam-delle como de um bicho morto, ou faziam de conta que ele era um bicho de conta; não lhe ligavam nenhuma.

Alvoé andava desanimado e a sua fisionomia denotava um profundo abatimento, um abatimento talvez de 50%. Tinha as noites em claro, a pensar a maneira de ruminar (porque Alvoé era ruminante) como havia de conseguir *se desideratum*. (*Desideratum* é uma palavra latina que quer dizer: *maneira fín de alcançar uma mulher que se surge casar com Alvoé*).

Muitas vezes ele dizia com os seculos, que eram de ébano: — Decididamente isto é unia ter a e brancos!

Estavam as coisas neste pé, isto é, o escarumba tocando clarinete e vendendo caixas de graxa, ao mesmo tempo que passava noites em claro, quando

Aquilo que mais nos custa a contar

Que durante o curtíssimo período de tempo que a «Maria Rita» esteve suspensa, a morte não deixou de rondar as nossas portas.

E roubou-nos, além do nosso Maior, Dr. Campos Monteiro, mais os seguintes camaradas:

Dr. Lúcio Guedes de Oliveira, um novo

certa manhã, ai por volta das tantas me nos um quarto, pouco mais ou menos e estando Alvoé a solfejar um solo de clarinete num velho cavaquinho, eis que lhe entra na hja um conhecido freguês, por sinal charadado Batoque e que vinha, segundo o costume, tomar uma cerveja preta.

Esse simples freguês, esse simples Batoque, veio a ter uma influência supremacia na vida de Alvoé, como teréis ocasião de ver, se Deus vos der vista e saúde.

Depois de dois dedos de cavaco, a conversa pdeu para os lados do Palácio. — Olhe lá, seu Alvoé — disse o amigo Batoque — ainda não foi fazer uma visita à Exposição Colonial?

— O que vem a ser isso? — pergunta muito admirado o escarumba, que ainda não tinha ouvido falar em semelhante coisa.

— O que? ! Então você não sabe do grande acontecimento? !

— Palavra que não sei! Conte lá então, seu Batoque, como se deu o crime!

Então o freguês pôs-se a contar por-memorizadamente o que tem sido, o que é e o que será o grande certame. A' meditação do Batoque ia falando, a fisionomia de Alvoé ia-se transformando, passando do triste ao riso, do riso ao alegre, de tal sorte que quando o freguês acabou de contar a História da Colonização Portuguesa no Palácio de Cristal, Alvoé, agarrado ao Batoque, já dançava o batuque!

Alvoé acabava de ter uma ideia, uma destas ideias que costumam sair da cabeça e meter-se na dita. — Obrigão, seu Batoque! Vou estalou-me de uma situação embaraçosa. Está finalmente resolvida a crise das esposas para mim. Já que as brancas não me ligam, irei ao Alvoé, porque, ao menos... ali há preta!

Naturalmente o maganão já pensava na Rosinha, que segundo informações é uma Rosa... Tirana.

— Então, seu Alvoé — disse o Batoque — o que eu estimo é que você gose como um preto...

— Obrizão, seu Batoque; com certeza vou andr à procura da rôlha...

Alvoé preparou logo as coisas para fazer uma visita ao Palácio e escolher, de entre as rétas, aquela que devia ser sua mulher, que devia partilhar com elle das alegrias que lhe estavam reservadas numa vida futura: — pezar carvão e vender caixas de graxa.

Como era preto, o nosso Alvoé nunca na sua vida havia tomado banho nem se era lavado a cara, o que não era preciso ser endemosa que o pó de carvão torra a pele dos pretos.

Porém naquelle dia era preciso lavar-se e vestir-se e ponto em preto para dar a aquele passo que se não era um passo episcopal tinha para ele a mesma cerimónia.

Dito e feito. Alvoé fechou a carvoaria e foi tratar de se preparar, pois não havia tempo a perder.

Lavou-se, vestiu-se, e quando ia pôr o chapéu para sair, lembrou-se de dar uma vista de olhos ao espelho.

Mas... oh! fatalidade das fatalidades, horror dos horrores! Alvoé era branco! Nunca em sua vida fóra preto, mas apenas carvoeiro.

Ao ver a sua fisionomia reflectida no espelho, murmurou, desanimado: — Ingrata sorte! Nem as pretas me quererão!

E desistiu de casar.

B. Aguiar

cheio de vida e de inteligência, que encontramos desde o primeiro dia com osco e que nas opacas paginas da «Maria Rita» conseguiu brilhar.

Marcolino Reis, aquele moço de Coimbra que sob o pseudonimo de *Mil Reis*, nos deu quasi ininterruptamente durante um ano a *Carta do Mondego*. E lá se foram, ceifados sem razão e cá nos ficaram sem elles, sem o seu talento e sua amizade.

A'queles que estimam ainda a sua memoria como nós a estimamos, a «Maria Rita» apresenta não um cartão de pe-zames, mas um ramo de saudades.

A Exposição Colonial do nosso Pôrto

O que representa e o que é

A Maria Rita, há muito tempo que lhe cheira a preto. Se ela tivesse morrido de verdade nem o cheiro da catinga era capaz de lhe ir bater na cova; mas a Maria Rita não morrerá; desmaiara apenas. E o tal cheiro, foi para ela como o frasco de saes é para as senhoras que se prezam. Mal que ele a mimoseou nas peludas ventas, Maria Rita, abriu o olho esquerdo, endireitou os olhos e disse para os seus nagalhos:

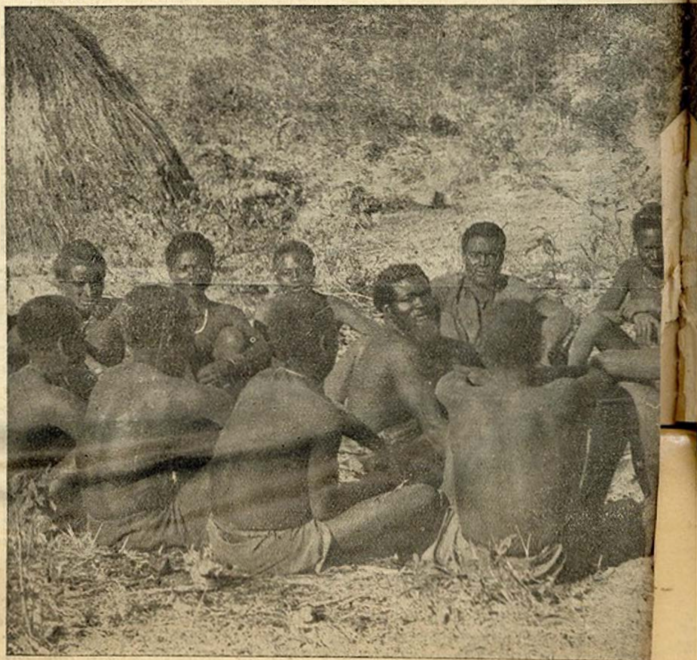
— Alto! Ali há preta...

E não se enganou a possa fallada. Havia preta e de tais formas que muito branco se sente capaz de pagar 800 escudos só pelo prazer de a cheirar. Antigamente dava-se a vida por uma rosa; agora basta uma Rosinha para se ser julgado no Tribunal dos Pequenos Delitos.

E como nem só pretas se encontravam no Pôrto, Maria Rita, entendeu do seu dever pôr-se a caminho. Quem sabe se algum preto...

No Rasto dos Pretos

Quando a Maria Rita adormeceu, ainda o velho jardim da Torre da Marca era um Palácio de Cristal, onde os cristais não existiam mais que na copa do António Joaquim, *escondidinhos* entre a diversa louça do serviço. Trez macacos ou quatro, com o sim senhor mais coçado que



A Maria Rita, que apesar de tudo é uma mulher correcta, só consente em fotografias destas. As outras mais alusivas, deixamos para os jornais para a Civilização.

um casaco de amanuense, e dois lobos que já não sabiam fazer mais nada do que andar de lado para lado, a contar os passos, na esperança de endoidecerem eternamente. Além disso, o Palácio, só apresentava aos visitantes o velho Romualdo emonoculado, reliquia esquisita e de todas as heras a países que o capitão Henrique Galvão muitíssimo bem aproveitou como se tivesse chegado das plagas africanas.

Mas quando os abriu, quando as desempenadas pernas a levaram ao

Palácio das Colónias

A nossa Maria Rita ia caindo de susto.

E sem ninguém a quem pedir informes perguntava a si mesma: — Mas donde diabo surgiu tudo isto em tão pouco tempo?... Como foi possível metamorfesear-se tão grande recinto em tão curto prazo?

E só o velho Arnaldo Leite lhe respondia a custo:

— Menina, isto é tripeiro! Isto é tudo teu! Foram os teus operários, os teus pintores, os teus arquitetos, os teus comerciantes, os teus industriais quem firmaram, quem fizeram, quem arquitetaram, quem dirigiram tudo isto: «Isto é ser tripeiro» e fugiu assobiando o «Garoto da Ribeira».

Maria Rita esfregou os olhos

“Maria Rita,, visita o velho Palacio e diz da sua justiça



Aqui só ha peras. Os marmelos não existem.

para os abrir de novo, e viu que realmente estava na

Exposição Colonial do Pôrto

e deixem-nos dizer do Pôrto, porque realmente aquilo tudo é quasi só do Pôrto. Maria Rita já de si era orgulhosa em se sentir filha do Pôrto; mas depois que lhe foi dado assistir a esta transformação quasi completa da sua terra

sente uns frémitos esquisitos de novidade a percorrer-lhe as veias. Maria Rita que teve de empenhar a saia nova para ir para Lisboa à Exposição Industrial Portuguesa, e que uma vez lá não fez mais do que visitar os *stands* das fábricas cá do Norte, sentiu agora ao percorrer de um salto todas as colónias do Império Português, uma vaidade tamanha, que se não fosse o receio dos 800 escudos de multa, tinha osculado o Galvão nas suas desaparecidas bochechas.

O que ha por lá

Há de tudo, graças a Deus. Desde os obeliscos até aos Bijagozes, ha de tudo. Pretos de todas as qualidades, desde os pretos retintos até aos pretos meios tintos. Só não gostamos da estatua do Afonso de Albuquerque, porque entendemos que homens daquele

tamanho não são para se ver de tão perto.

Também não gostamos da conta que nos apresentou o dono do restaurante que, por estar sosinho em campo, se sente Gungunhana de mais. Mas a verdade é esta: entre uma conta mesmo sem ser calada, porque ordinariamente toda a gente berra, e um milhão de osos de frango espalhados pela relva, á mistura com uma centena de milho de papéis borrados no meio, eu prefiro vir cá para fóra sem comer se não as unhas.

E muito mais teria a Maria Rita a declarar se lhe não succedesse o que succede a quasi toda a gente. Desde que voltou a abrir os olhos já passou pelo Palácio das Colónias nada menos que dezoito vezes. Pois nem assim conseguiu ver nada da Exposição. É natural que chegando a Outubro, quando a Maria Rita voltar como as andorinhas, já possa dizer aos seus leitores o que foi e o que representou esta extraordinária manifestação do nosso patriotismo tripeiríssimo. Nessa altura, infelizmente terá de falar por nós a nossa arquejante saudade.

Além disso fomos encontrar na barraca do chá de Macau, uns musicos todos vestidos como andavam outrora os empregados dos carros de bois que noturnamente vinham ao Porto, a tocarem uma musica mais chorada do que um fado e mais gemida do que uma creança de peito.

Ha quem goste; mas a «Maria Rita» antes queria ouvir o *vira* ou o *malhão*. O Severiano está algo entristecido por a Exposição não se prolongar até ao ano 2.000. Se tal acontecesse mandava os electricos todos para a fundição do Bicalho! As bilheteiras da Exposição abrem á hora do costume. E' entrar, meus senhores!...



A coisa ia sendo falada. Mas a Maria Rita mandou lapar-lhe o excedente

A's portas da morte

Epistola dum pobre diabo que foi á Exposição do Palacio.

Leitor amigo: Tadinho de miim! E' do leito que te escrevo. Do tálamo conjugal.

Estou á brocha! Trinta e nove graus á sombra, ou coisa que o valha. E até já cheguei a acusar quarenta.

Uma barbaridade. O meu medico assistente, que não costuma errar, constatou que isto são febres de Africa. O seu diagnóstico assustou-me!

Febres de Africa!... Eu que nunca saí deste rincão á beira-mar plantado!

E' duma pessoa ficar azabumbada! Depois de muito matutar, lembrei-me que estive duas vezes no Palacio Fui á Exposição Colonial. E é certo que tremo como varas verdes.

Não sei bem que bicho me stordeu, que estou para aqui empalustrado, só me apeteceendo beber e mais nada. Pois já lá vão alguns garrações do verdasco—que á água não me faz nada bem ao estômago.

Ai, a Exposição! Rais a para!

Aquilo é muito bonito, não resta duvida; mas o resultado está-se a ver.

Se calhar toncei a serio de mais o certame. Estou para aqui que nem uma lêsma.

E, depois, dizem que unia scisma é pior do que uma doença e eu estou nesse caso. A's vezes julgo-me ingenua da Gainé ou doutra possessão tiramarina qualquer.

Tenho verdadeiros delirios de selvagem.

Nunca mais vou á Exposição. Preciso de olhar pela minha saude.

A noite passada tive um dos piores momentos deste mal endiabrado que me tem aqui no leito, de todos abandonado e na perspectiva de passar desta para melhor—quem sabe lá?

Levantei-me já tarde, com uma sede dos demonios e certa necessidade fisioló-

As coisas mais importantes que passaram durante o leargo da

“Maria Rita”

Não saíu mais nenhum jornal humorístico cá na terra, o que até parece incrível.

— Já passaram mais de mezes.

— O sr. Hitler mandou matar todos os generais de falinhas mmas da Alemanha, e convidou mais um cento pã, se suicidarem em conjunto. Houve prontos gerais de todo o mundo. Consta, porém, que os mais veementes partiram d'uma platêa literaria da capital. Aquilo deu-lhes no boto.

— Na Hespanha registaram-se durante este periodo de tempo os seguintes cataclismos cosmicos:

532 greves gerais, 1003 assaltos á mão argada, e questões parlamentares de pacificadaria.

725 desastres nas passagens de nível, 1003 incendios dos conventos que restavam. E em Malaga caiu um aerolito que pesava 322 gramas com osso e tudo.

— Em São Francisco da California rebentaram todas as greves possiveis e imaginarias. Actos de terrorismo, assaltos, colidões com a força armada.

Final foi resolvido o conflito sem ser necessario a intervenção de forças dos outros estados da America. Para tal bastaram as armas de S. Francisco.

No Porto fundaram-se varios Sindicatos.

Entre outros lembra-nos de ter ouvido falar no Sindicato dos Empregados Bancarios. Este organismo em antes de tratar de arranjar comida para os seus filiados, montou com todo o luxo uma sala de comer... O que?

— Na Austria a coisa tem sido falada. A policia tem apreendido tanto material explosivo que a commissão permanente do desarmamento protestou indignadamente contra o progressivo rearmamento do exercito austriaco.

— O Dr. Julio Dantas partiu de e

gica. Em frente está um espelho, no qual me mirci. E que vejo, santo Deits!...

Estava todo negro—negro como um bijagós. As cuecas pareciam uma tanga e senti instintos de dansar um batuque. E não fiquei nos instintos. E' que dansei mesmo, de vaso em riste...

A minha companheira, que dormia como uma bezerra, acordou assarapantada e viu-se grêga para me meter na ordem.

Nunca, como naquele momento, senti desejos de lhe ferrar. Calcula tu que me apetezia comer carne humana!

Eu, que sou doido por peixe—e se fôr um peixeio ainda melhor—feito antropófago á ultima hora.

Estou irremediavelmente perdido. Desta não escapo, com certeza.

Ninguém diga que está bem. Em qualquer coisa estão os nossos cuidados.

Eu lembro-me muito bem de ter visto a Rosita. E até senti ganas de lhe preparar um beijo. Se não fosse o escrúpulo de sujar os lábios e a lembrança dos oitocentos escudos que o outro pagoi, teria cometido o sacrilégio. Examinei, tambem, atentamente, as tatuagens da Isabelita e mais abaixo, peguei no Augusto ao côlo e cumprimentei o Sabonete na minha boa fé. Mal sabia eu que tirava este resultado. Se eu soubera...

Agora vou indo melhor, muito obrigado. Se escapar desta, ao Palácio é que não vou.

Vicou-me de lição. Recomenda-me ao Galvão e diz-lhe que, se eu falecer, quero ser enterrado junto ao coval do Papé, que morreu de indigestão ou lá que foi!

São pelo menos dois que ficam para o futuro monumento a erigir aos mártires da 1ª Exposição Colonial Portuguesa.

Adêus.

Maxim

chegou a Lisboa mais 17 vezes. Foi para e veio de novo representar n'outros tantos congressos internacionais.

— Em questões de Radio estes 7 mezes tambem foram férteis. Além da morte da Madame Hanau tivemos a ressurreição da Radio Porto que de cada vez toca peor. Na emissora nacional o velho Lino Ffreira impinge-nos todas as noites anedotas mais estafadas do que as mulas do Chora, e tão inspidas como marmotinhas. E já agora um com elle que talvez alguém lhe transmita: pã se diz'rem anedotas pela radio é necessario sabe-las dizer bem.

— O Japão continua a arranganhar a de' uça e a exportar bicicletas a ro es os o kilo.

— O Brazil já vai mandando alguma coisa para cá. Alguns escudos e uma equippe de foot-ball que ficou a zero com o Clube do Porto. Descongelou os creditos mas os goals ficaram congelados.

Pensamentos maduros

Mais vale só que mal boou pã hado: há companhias que nos fa: m tanta falta como uma viol num enterro...

Cisco e lixo. A primeira vista esta duas palavras significam o mesmo, e não é tal: lixo é útil, to; cisco é implicativeo.

Diz um sábio que o homem é único animal da criação capaz de comer sem fome e beber sem sede e eu acrescento: e de rir sem vontade.

Os preconceitos são como os guarda-olhas: trazem-nos as muitas vezes sem saber porque e não nos falta vontade de os deixarmos na primeira oportunidade...



Hip... Hip... Uff!...

Isto é de arrebentar!...

É da praxe, em todos os jornais que se presam, quando o termómetro atinge a perfeição dos 37 para cima, dizer-se assim pouco mais ou menos:

«Nestes ultimos dias tem feito um calor sufocante. O termómetro tem atingido altitudes nunca ultrapassadas. Assa-se por toda a parte. As cervejarias tem feito um negociarrão.»

Depois, seguem-se as noticias d'aquem e d'alem mar, noticias mais ou menos escaldantes, e se puder ser, não fica mal uma fotografia com um tipo, todo descomposto, a dormir ao calor.

Ora sendo assim, não podia a Maria Rita deixar de arquivar tambem nas suas colunas, o que se passou na celebre 6.ª feira, em que o calor apertou tanto que se focou muito peçoço, e mais parecia um abraço duma sogra do que o calor propriamente dito.

O que é o calor

Fisicamente assim chamado, o calor é precisamente o contrario do frio, e que não admira nada se nos reportarmos ás chamadas camadas atmosféricas. Produz diversos efeitos, como por exemplo: o suor debaixo dos braços, queijo nos dedos dos pés, e uma ou outra insolação insolita. Fez a fortuna dos vendedores de refrescos, torna a cerveja muitissimo peor que no inverno porque não ha tempo para ela fermentar, e suja os colarinhos dia sim, dia sim.

Consequencias graves

Além do que acima expomos, que o sabio Dr. Ch. esLepierre considerava uma escriptura, tem o calor consequências graves. Por exemplo: é perigosissimo andar com os pés e de galochas; considera-se como uma loucura trazer manteiga no bolão do colete e colocar-se a gente debaixo de um electrico para apañhar uma sombrinha. E é de muitissimo mau gosto refugiar-se numa padaria ou numa central electrica.

Razões de Pezo

Autigamente, quando os esgromados termómetros não passam dos anos de Cristo, diziam-se que o sol evaporava as aguas

a ponto de secarem os rios muitas vezes. Gravissimo erro em que se laborava, com certeza pela crassa ignorancia em que se vivia. Hoje é totalmente o contrario; os rios em lugar de secarem, ganham maior volume, o que se deve sem duvida ao excesso de suor de todos os peites.

Outra azão tambem é apresentada para dar verdade ao que afirmamos é a de que como a maior parte das cervejas estão chocas, a companhia manda-as deitar aos rios, e eles assim engordam.

Causas justificaveis deste tempo

É claro que esta subida brusca do termometro, que levou o Observatorio da Serra do Pilar até aos quarenta e pico, tinha uma justificacão.

Tratamos de sabe-la, e para isso muito contribuíram as relações de amizade que a «Maria Rita» mantem com o Dr. Mendes Correia.

Procuramos sua Excelencia, porque nos lembrou que sendo este calor capaz de derreter pedras, ninguém melhor teria estudado as suas causas do que, este distinto professor.

Disse-nos ele: «As razões inconcussas deste calor, maior do que aquele que acabo de encontrar no Brasil, não são remotas.

Não proveem da idade media, nem são sequer do seculo transacto.

Leiam vocês os anais da Camara Municipal do Porto deste mesmo ano e nêles encontrarão a causa do calor. Nada mais nada menos do que aquela ordem de postura que proibiu os aguadeiros dentro da cidade do Porto. Esses homens, que pareciam uns desgraçados, eram afinal o sustentaculo da temperatura amena. Sem eles secca tudo. Seca a garganta, secca a bolsa e secca a pinga».

Que secca!...

Manifestações Caloríferas

Ha bastantes tambem. Para resistir a esta desenfreada onda ha quem use todos os processos. Ha quem se vista sem roupa nenhuma. Ha quem se deite debaixo de uma pipa porque o povo tem ainda a creença que o que aquece

serve tambem para arrefecer. E ha ainda quem tenha o desplante de tomar banho uma vez por dia para ser agradavel ao Ex.º Sr. Dr. Alfredo do Magalhães.

Mas de todas as manifestações caloríferas, aquela que mais nos deu no gôto, foi a da invenção das camisas à Venus de Milo, que é como quem diz uma camisa só com côtos. Esta especie camisefera encontra-se á venda em todas as boas camisarias, mas aquela que mais vende é a do pai Adão, ali nos Loios.

Previsões do tempo

E já é chegada a altura de dizermos da nossa justiça sobre o que vai ser a proxima semana astronomica.

Domingo, 5—Tempo quente na bolsa da Exposição Colonial.

Segunda, 6—Temperatura—33 graus no aljube—Queijo da Serra variavel.

Terca, 7—Entrada a 15 tostões.

Quarta, 8—Condições atmosfericas optimas. Não há naufragios na barra.

Quinta, 9—O fim do Mnndo no Palacio das Colonias. Bolsa quente.

Sexta, 10—Abrem as bilheteiras ás 20 horas. Frio em todos os stands.

Sabado, 11—Não sai a Maria Rita porque só volta ao vosso convívio em Outubro. Grande regoijo na Imprensa.

Noticias da Sociedade

Em gôso de umas merecidas feiras, partiu para Lisboa o nosso amigo António Rápido, considerado maquinista da C. P. Esta viagem, que elle sonhava há cerca de seis anos veio pôr fim a uma latente aspiração do nosso amigo.

Aquele nosso amigo e assinante de Coimbra que dá pelo nome de Júlio Farripa acaba de nos comunicar que este ano não fará a sua costumada vigejatura em Moledo do Minho.

Lamentamos sinceramente este contratempo, e sabemos bem que se não fosse aquele triste caso de ter assassinado, a sogra, a mulher o leiteiro e o tio dêle e ainda um guarda-fiscal reformado, Júlio Farripas não se via forçado a passar este verão no Penitenciária de Coimbra. É provável que o vigejante de 1934, tenha sido adiado para 1962, que quando acabam os 28 anos de presídio. Os nossos pesames pelas prentativas mortel-

Em letra de forma

Para não deixarmos morrer de vez a celebre secção da «Maria Rita» O *Descanso Semanal*, onde eram arquivadas todas as burrices que iam a luz do dia, fosse em Cacia ou no inferno, damos abaixo a copia. textual de um Comunicado que o «Comercio do Porto» inseriu ha dias.

Agradecimento

á autoia do

Lungenit

Ex.ª Sr.ª D. CHIFRA ZLOTOPOLSKAIA

FARMACIA LUNGENIT, L.ª

Avenida da Republica, n.º 55

— LISBOA —

A minha mulher, Albertina Vieira, de 24 anos de idade, de Cabanas de Tavira, adoeceu há dois anos e meio. Sujeita a vários tratamentos e não obteve melhora, por conselho dum proprietário da terra, Sr. Baltazar, o qual, em pessoas da sua intimidade, tinha provas flagrantes da effecia do Vosso soberbo especifico. O LUNGENIT, seguiu esse mesmo tratamento.

Tendo começado o tratamento com o LUNGENIT no fim de Abril de 1933, ela sentiu, após alguns dias, voltar-lhe o appetite e o bem estar geral. Cerca de um mez depois, já não tinha dores nos pulmões, desaparecendo a febre e já não tinha, igualmente, expectoração.

O restabelecimento geral proseguiu assim rapidamente e visivelmente, a ponto de ao fim de 3 meses de tratamento com o LUNGENIT, ela dar a luz uma criança fortissima, e até á data nunca mais se queixou dos pulmões.

Há pouco tempo foi auscultada em Vila Real de St.º Antonio, por um medico especialista, que a achou perfeita de pulmões.

Por esse motivo fiquei e sou, com o snr. Baltazar, admirador de V. Ex.ª e do Vosso LUNGENIT.

Receba V. Ex.ª, autora desse beneficio remedio, o manifesto de minha profunda gratidão e sou, com todo o apreço,

de V. Ex.ª

Mt.º At.º Venr. e Obgd.º

José Cordicoro

Cabanas da Conceição de Tavira, 5 de Julho de 1934.

Este producto milagroso, alem de curar os pulmões tem o excelso predica-do de passar além dos limites providenciais. Se em trez mezes faz dar á luz robustissimas creanças, que o snr. Cordeiro perilha com satisfação, a conselho de um tal snr. Baltazar (até parece piada) bue teve resultados identicos na familia. Ah! sua Dona Chifra! Quem faz isso ao Cordeiro até parece masculina...

Como veem pelo exposto o Lungenit é um preparado que a Dona Chifra dá a snr. Cordeiro com plena satisfação dos mesmos.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Teatros

CINEMATOGRAFICOS

Durante o interregno da publicação da *Maria Rita* quantos factos se passaram no campo teatral que pediam o bisturi da nossa critica humoristica, como as crianças pedem doces!

A *Maria Rita* dá hoje um ar da sua graça e, de outubro em diante, aparecer-vos há — ó gente do teatro — todas as semanas para escarpalhar os vaidosos e as nulidades, e para exaltar os que valem, os que são honestos, os que são conscientes.

Um amator de estatísticas diz-nos que a estreia no Porto do *Gado Bravo* já foi anunciada 1845 vezes.

Nos arrastis do teatro a miseria é cada vez maior. Há artistas de nome que passam fome — mas também o desvario e a ambição artistica são de cada vez mais apavorantes.

Em Lisboa exhibe-se uma revista intitulada *Santo Antonio*, que dizem ser original — fixem bem estes nomes! — de Alberto Barbosa, José Galhardo e Vasco Santana. Pois, mais uma vez o Norte é chasqueado. E se não fosse gente do Norte ter dado dinheiro para essa empresa, a revista não teria existido! E antes tivesse sido assim, para que o Norte não fôsse ridicularizado.

Os insultos e os vexames á gente do Norte, por parte de certos tipos do teatro, não param. E' já tempo de fazermos valer a independência do nosso caracter — e de organisarmos a Liga de Defesa do Norte Contra os Insultos da Gente de Teatro do Sul.

E' muita inicial, mas todas são poucas para lhe atirarmos á cara.

Filomena Lima e Vasco Santana — fixai bem estes nomes, ó portenhos — são os *graciosos* interpretes desse numero da insulsa

revista *Santo Antonio* em que o Norte é esaznecido. Pagam assim, com esta *gentileza*, o carinho e a simpatia com que, tantas vezes, temos recebido a sua *arte*...

Nunca a coaspicua critic: alfacinha foi tão unanime nos seus pontos de observação como quando foi na *Lisbã*, o *Porto* á

Vista! Se o Porto fôsse assim, quantas *revistecas* que vem do Sul não iriam pelo buraco do ponto — e com inteira justia!

Mas se Deus nos der vida e saude, pró aao, cá nos enccntram.

São capazes de dizer que esse numero do *Santo Antonio* nada tem de vexatório para o Norte.



A BEATRIZINHA

Maria Rita considera-a desde hoje tripeira de alma e coração. Oxalá se não arrependa um dia...

Não há de ter, não, quando a peça cá fôr. Mas então porque foi que Beatriz Costa, a nossa Beatrizinha se recusou a fazer esse numero?

Então ela não alegou que, tendo sempre recebido deferências da gente do Norte, não se podia incumbir d'um numero que ridicularizava essa gente?

Lavre lá dois tentos — sua camaradona Beatrizinha. Você só mostrou a essa gente que tem consciência artistica.

Vê como a *Maria Rita* também sabe fazer justiça?

Dizem que a revista *Santo Antonio* tem feito um estupendo exito. Então a remodelação que sofreu e a colaboração de Pamira Bastos e Nascimento Fernandes? Isto não será balões de ciziquito para um moribundo!...

E' a scena dos cantaros partidos.

O nosso *Batalha* continua de vento em pó, não conhecendo calorea nem exposições. Todos os dias, de tarde e á noite, há sessões — e ce... publico. O *Popular* José Figueira percebe daquilo.

Agora sempre é certo: O *Gado Bravo* estreia-se amanhã. Um telegrama chegado agora, diz que foi adiada a estreia para a semana. Nov... telegrama afirma que a estreia é, definitivamente, na quinta-feira. Um telefonema diz que só... á época que vem é que se realisa essa estreia. Aguarda-se, porém, outro telegrama que marque a estreia para sabado. Com todas estas demoras o gado sairá manso ou bravo? Que não saia moqueiro...

O que mais tem sido apreciado na Exposição Colonial são os pregos e os copos de vinho cinefilo, servidos ao balcão por um cinefilissimo! Mas que grande fita.

Beliscões

odo o bom burguez do Porto maneta, o cego, o torto

O paraltico, o sadio e o sifilitico, o rdeu a pinha e só pensa, em uma alegria imensa, a forma e giramidsis, andáveis, divinais, mas abacabadabrantes,

no assim, he chamaria em conselheiro Acácio) peito e mais arredores eiras a frontaria

osinha, em senhores!...

Pois eu, como bom hárrista, Aqui juro e aqui garanto Que'é preciso andar sem vista P'ra não ver,

A cada canto, Assim, em formas bem cruas, Na maior ostentação, Por aí, por essa e suas Numa outra Exposição Que não é colonial Mulher's melhores... e mais nuas.

Tambem vi muita moína De vinte anos... inocentes Levantar, muito ladinas, Nos braços fortes, trementas, Amparando o contra o bistri, O garotão, o Augusto.

Depois, de olhos fuzilantes Onde boiavam des...jos, Cola-lo aos labios babões

E encharca-lo de beijos Delirantes.

Sozinho, puz-me a pensar C'os meus botões: Ora Deus que fez os melros Os pardais e os feijões (Como diz mestre Junqueiro) Porque me não fez a mim Um preto assim Embora um bocadito Mais arteiro Que o Augusto

Não, meu caro lctor, não? Digo a repito Li nessa grandiosa Exposição, Desde o Quissango até á porta. Há muita coisa...torta E muita ingrãdão.

Definição

Do homem a mulher E que é o seu mal que... E' sua vida, ás vezes, sei... E' sua morte, ás vezes, seu...

O céu dos olhos, cândido, sereno, Ai! quantas vezes ao inferno igualo! Por nobre seu valor só devo honrá-lo, Por falso ao homem seu rigor condeno

Elanos dá seu sangue, cla...os cria, Mas o céu não fez coisa mais ingrata: Tem horas de anjo, e mu...tas mais d'...

Ela quer, abo...ce uma e mal...ita E' a mulher, enfim, como a sangria, Que, ás vezes, dá saude, e ás vezes n'...

Aldeia dos Bracucos

OS COMBOIOS JA' FASEM BICHA, TEM SIDO VM AUTÉNTICO DESPEJAR DE FORASTEIROS

SANDVICHES E BQ
LOS - PERIGO
DE MORTE NO
STAND DA LATINA

O COLEGIO MILITAR NA EXPO-
SICAO COLONIAL

OS SACRIFICADOS
DA EXPOSICAO

ANDA POR AI UM PIAR
FANTASTICO, NÃO
VER UMA CAMISA
LAVADA A
NINGUEM...

DESDE QUE CHEGARAM OS LANDINS OS
MAGALAS FICARAM SEM COTAÇÃO...

Xango

